

FRACASSO ESCOLAR: UMA BREVE ABORDAGEM TEÓRICA ACERCA DAS DIFERENTES EXPLICAÇÕES

¹Eugênia Nogueira Barros

¹Francisca Emanuela Fontenele

¹Rita de Cássia da Conceição

RESUMO

O sistema educacional brasileiro depara-se com o problema do fracasso escolar que caracteriza-se como uma epidemia terrível erguida sob os pilares da evasão e da repetência que se alastra de forma determinante dentro da escola pública. O presente artigo tem como objetivo propor uma discussão acerca do fracasso escolar, tendo como referência autores que abordam tal temática sobre os mais diferentes ângulos. As explicações que perpassam entre os autores expõem pontos de vista distintos, porém convergentes quanto à culpabilização imposta ao aluno e ao meio social ao qual está inserido, responsabilizando o mesmo pelo seu próprio fracasso, eximindo as demais instâncias de qualquer responsabilidade. As colocações a serem apresentadas propiciaram uma reflexão teórica mais aprofundada sobre o fracasso escolar, visando estabelecer subsídios para que os envolvidos no processo de ensino aprendizagem possam desenvolver uma ação crítica na análise e no enfrentamento do fracasso escolar.

Palavras chave: Escola pública, fracasso escolar, reflexões teóricas.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é levantar questionamentos e reflexões a cerca do fracasso escolar nas escolas municipais de Parnaíba -PI, assim como suas causas e fatores que contribuem para a existência desse problema que assola a educação brasileira ao longo de vários anos, agravando-se gradualmente, o que é claramente visível diante do cenário da realidade educacional em nosso país. É necessário mudar o foco das discussões e voltar um olhar reflexivo e inovador diante dos paradigmas tradicionalmente impostos a quem deposita na educação a esperança de uma vida digna, e que acredita ser a escola o único meio de transformação de sua realidade. É notório a importância dos que dedicam-se a tarefa de educar, o que erroneamente é direcionado ao professor, pois a educação não é só de responsabilidade deste profissional, a função deste é ensinar, mediar o conhecimento de seus alunos, ajudá-los a encontrar a via que os levará a progredir, não que ele não esteja na parcela dos que devam educar, mas esta deve contar principalmente com os pais, o que nos leva a um

¹ Acadêmicas do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia – Magistério, da Universidade Federal do Piauí – UFPI/ Campus Parnaíba, cursando o 7º período, residentes na cidade de Parnaíba-PI

problema maior, um problema de âmbito social, bem como a melhoria dos cursos de formação, onde o professor deve desenvolver um pensamento crítico acerca da educação, para que no futuro ele possa promover mudanças frente ao que lhe é imposto, pois é comum ouvirmos que os professores nada podem fazer diante dos ditames do sistema educacional, porém acreditamos que se esse profissional estiver munido de um pensamento coerente e responsável, atuará em sua aula de maneira a fazer com seus alunos obtenham um conhecimento significativo, unindo as diretrizes que lhes é proposta a visão que estes tem de sua turma, suas necessidades e sua realidade, fazendo com que sua práxis transformadora obtenha um resultado positivo que a evite a existência do fracasso escolar.

O despertar para este tema ocorreu a partir da observação em instituições de ensino, onde é visível o alto índice de estudantes que hora evadem, reprovam ou passam de ano sem se quer ter desenvolvido o mínimo necessário para compreender pequenos enunciados, que possam permear seu próprio cotidiano, tornam-se parte de um ciclo vicioso, onde passam ano após ano freqüentando escolas, as quais por conta de diversos fatores terminam não exercendo seu principal papel, ou seja, promover a educação e formar um cidadão autônomo e atuante na sociedade. Vários discursos tendem a querer justificar por “a” mais “b” os motivos do fracasso escolar, dentre eles o mais conhecido e usado, talvez, por ser o mais fácil de ser aceito, é depositar a culpa no aluno, alegando sua falta de aptidão para os estudos ou sua condição social, a partir disso a escola condena esse aluno, rotulando-o à *priori* como um fracassado já que esse não apresenta condições mínimas para aprender.

Dentre as várias causas que propiciam o fracasso escolar, a linguagem aparece como uma das principais facilitadoras para que haja uma disparidade entre as camadas que formam a sociedade. Sendo esta, o principal produto da cultura, a linguagem é o meio pelo qual se transmite o capital cultural de uma determinada sociedade e com isso fica evidente no âmbito escolar a marginalização das diferentes variações linguísticas, pois a escola utiliza e impõe como “certa” a variante padrão utilizada pela classe dominante, mostrando assim que a escola não exerce uma função neutra diante dos problemas vivenciados pela comunidade da qual faz parte, nem tão pouco serve como alavanca capaz de sozinha elevar o nível social das camadas populares, pois a mesma está inserida dentro da sociedade, e muitas vezes ou quase sempre, reproduz o “*status quo*”. Contudo, torna-se necessário refletir acerca do real papel da escola, o qual deve possibilitar a formação de um indivíduo crítico e atuante em seu meio social, fazendo uso de seus direitos como cidadão e cumprindo seus deveres, para assim adquirir uma posição igualitária a partir de seu desenvolvimento pessoal e intelectual através da educação.

Discutir e tentar solucionar o problema do fracasso escolar nas escolas públicas não é tarefa fácil, é necessário que os envolvidos no processo pedagógico reflitam sobre os elementos históricos, os quais ajudam a compreender esse fenômeno e as relações existentes com os condicionantes sócio-econômico-políticos e culturais. Ao longo deste artigo será proposta uma discussão teórica entre diversos autores que abordam tal temática, sobre os mais diversos ângulos, direcionando uma visão inovadora e reflexiva pautada na análise psicológica, psicopedagógica, cultural como também a formação docente, as práticas pedagógicas e as disparidades sociais.

SITUANDO O FRACASSO ESCOLAR

O fracasso escolar é hoje um grande problema do sistema educacional brasileiro, surgiu nas últimas décadas do século XX, quando a maioria da população pertencente às classes populares teve acesso à escola. Diante dos altos índices de evasão e repetência que ainda atingem a escola pública, percebe-se que há a necessidade de um esforço maior para desenvolver soluções eficazes para combater o que acaba gerando como conseqüência o fracasso escolar, o qual vem ocorrendo como resultado da baixa qualidade do ensino público e da correlação das variáveis familiares e pessoais, bem como a precariedade das circunstâncias econômicas, políticas e sociais.

A Educação exerce um papel de enorme relevância na vida do homem, pois é através dela que ele constrói sua própria existência e isso o diferencia dos demais animais, é portanto, um fenômeno próprio dos seres humanos. Ela situa-se na categoria do trabalho não-material, ou seja, na produção da cultura e do saber humano, dessa forma a mesma não é estática, pois está em freqüente transformação, uma vez que acompanha e reflete as mudanças sociais. A escola surge nesse cenário como uma instituição própria, criada para melhor preparar o ser humano para a vida, tal instituição ao longo do tempo foi se estruturando de acordo com as necessidades de cada sociedade, primeiro para um pequeno grupo da elite e depois se estendendo as massas populares, mais precisamente a partir da metade do século XIX, dando início a um processo de expansão e consolidação dos diversos sistemas de ensino ao longo de todo o mundo, chamado de escolarização de massas.

Nesse contexto a escola pública surge como instituição responsável por esse tipo de ensino tendo como principal papel a democratização do conhecimento, a garantia do desenvolvimento integral do sujeito cidadão com direito a um ensino de qualidade integrando conhecimento e realidade. Contudo, de acordo com Magda Soares “A escola pública não é, como erroneamente se pretende que seja uma doação do estado ao povo, ao contrário, ela é

uma progressiva e lenta conquista das camadas populares, em sua luta pela democratização da escola” (p.09), uma vez que, a escola que existe é antes contra o povo que para o povo, pois o acesso à escola está democratizado, mas, mesmo assim, não temos uma verdadeira escola democrática.

Cortella (2008) analisa o fracasso escolar, o qual prefere chamar de “pedagocídio” e o coloca como uma epidemia terrível sustentada pelos pilares da evasão e da repetência que precisa ser erradicada. Possui causas extra-escolares relacionadas às precárias condições econômicas e sociais da população como também a irresponsabilidade dos poderes públicos, dentre outros fatores. No entanto, o autor chama a atenção para as causas intra-escolares colocando que “No nosso âmbito, a produção do pedagocídio, intencional ou não, manifesta-se no uso não-reflexivo e crítico dos livros didáticos, passa por uma seleção de conteúdos excessivamente abstratos e sem interação, e chega até uma culpabilização dos alunos pelo próprio fracasso.” (p.141-142), ou seja, o aluno sente-se culpado por seu fracasso devido à dissociação dos conteúdos colocados nos livros didáticos os quais, não condizem com a sua realidade.

O fracasso escolar é visivelmente identificado na escola pública, entre as classes menos favorecidas, levando àqueles que buscam a mudança, o sucesso e o direito a uma vida digna a entrarem num movimento cíclico em pleno movimento e geralmente os atores são os mesmos, pois os meninos que estudaram ontem e findaram em não concluir seus estudos, acabando por complementar a parcela de operários da sociedade, tem no presente seus filhos naquela mesma velha escola, com as mesmas condições em que se encontrava no passado, e quando esses pais são questionados acerca da situação atual da escola, alegam inocentemente que “estas estão muito melhores que a escola na época deles, pois ao menos hoje se tem vagas para todos e a merenda servida é bem melhor, todos os dias tem aula.” É notório que os pais não sabem mensurar a qualidade do ensino oferecido a seus filhos, pois estes são ex-alunos dessa mesma escola e possivelmente seus filhos aprenderão o mesmo que eles, provavelmente com a mesma professora que irá utilizar os mesmos recursos, ou não, as mesma metodologias, efetivando assim quase sempre o círculo do fracasso. Sendo assim, o fracasso escolar é o insucesso da aprendizagem e dos objetivos de ensino. É não haver o desenvolvimento de habilidades e competências para atender as necessidades sociais e culturais que os indivíduos carecem.

Em outro pensamento o fracasso escolar pode ser compreendido, num primeiro momento, como algo vinculado a auto-estima no processo de aprendizagem, algo que inviabiliza a capacidade de um ou mais indivíduos de aprender, de acreditar e sentir-se digno

de que pode apropriar-se do conhecimento. (Revista Nova Escola). Em observações feitas em uma escola da rede pública de Parnaíba, foi possível perceber que muitos alunos possuem uma postura que demonstra inferioridade, cabisbaixo, tímidos e sem voz na sala de aula, o que nos fez perceber que ainda em pleno século XXI há resquícios de uma educação bancária, onde os alunos recebem as informações passivamente, em que só o professor se pronuncia e repassa um conteúdo tecnicamente livresco.

Durante essas observações, não tivemos o prazer de presenciar alunos ativos, questionadores, críticos, preparados para discutir com professor o assunto da aula do dia, o que vemos ao voltar nosso olhar para a escola pública, são alunos dispersos, sem a menor familiaridade com o que está sendo ensinado e professores que falam para ninguém, e o que nos causa espanto é o fato de que essa postura não causa nenhum incômodo àqueles que “fazem a educação” propriamente dita, a impressão que temos é que os professores tem plena convicção de estarem fazendo o que é certo, essa postura nos inquieta e provoca vários questionamentos, por que os alunos não aprendem? por que eles não participam do processo de aprendizagem, o que os impede? É a falta de associação dos conteúdos? É a metodologia utilizada pelos professores? É a falta de interesse dos alunos em aprender? Para Sampaio há uma “conjunção de fatores que em um determinado momento interagem, mobilizando o desempenho do sujeito e do sistema familiar/escolar/social ao qual está integrado.” (2009, p.11)

Em uma de nossas observações aplicamos um teste diagnóstico com uma amostragem de alunos do 5º ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública, com o intuito de verificar como estava o nível de aprendizagem dos mesmos, propomos uma atividade bem simples, com um pequeno texto e perguntas interpretativas acerca do assunto do mesmo. A princípio lemos coletivamente o texto, depois pedimos que os alunos lessem distintamente o texto, leram com dificuldade, desrespeitando a pontuação, e quase soletrando as palavras, se ainda frequentassem a 1ª série, diríamos que eles estavam no nível pré-alfabético (TEBEROSKY, 1999) o que não é esse o caso. Ao analisarmos as atividades desenvolvidas com as crianças foram detectados alguns pontos que devem ser ressaltados. Quanto à caligrafia demonstraram ter certa dificuldade em relação ao espaçamento, pois escrevem as palavras muito próximas, além de misturar letras cursivas com letras bastão, apresentou pouca (ou nenhuma) noção ou entendimento quanto à rima, uma vez que se tratava de um poema. Já respondeu corretamente uma questão relacionada à rima, além de ter uma melhor noção de espaçamento, contudo, também mistura letras bastão com cursivas. Algumas respostas poderiam ser mais extensas recebendo um complemento existente no próprio texto,

no entanto todas as respostas foram extremamente limitadas, revelando a nosso ver um medo excessivo ao erro, comportamento este que é percebido na maioria das crianças da escola pública, uma vez que os mesmos olhavam a todo o momento para as respostas um do outro. Tal atitude de início foi interpretada por nós de maneira equivocada, pois imaginamos que eles não conseguiam ler e tentavam copiar as respostas do colega, porém demonstraram ao final da atividade que possuíam.

Concluimos então que a insegurança apresentada pelos alunos não provinha do fato de não apropriar-se da leitura, mas sim do medo excessivo que os mesmos têm do erro, ou seja, o aluno era capaz de ler o enunciado e até responder as questões, mas o medo de errar fazia com que ele confiasse mais nas respostas do colega do que nas dele, o que nos remete a pensar na em outro problema causado pela avaliação, os alunos pensavam que estavam sendo avaliados e isso já os coloca em posição de autodefesa. Os testes que propomos a estas crianças nos provocaram questionamentos acerca do por que elas fracassam? O que contribui para que esse fracasso ocorra? O sistema avaliativo de alguma forma prejudica esses alunos? É tamanha a angústia que sentimos ao observar que esses meninos fazem parte de uma parcela da sociedade que muitas vezes é marginalizada pelo próprio sistema educacional, sendo que este é tido como a única válvula de escape para estes indivíduos que vivem á margem da sociedade, e que infelizmente a escola ao invés de contribuir para que ocorra uma mudança positiva na realidade dos mesmos, impulsiona cada vez mais a um declínio vergonhoso que impossibilita o crescimento intelectual do indivíduo. E nesse momento quem realmente fracassa?

Soares (1992) faz uma abordagem acerca do fracasso escolar, onde a mesma explora três explicações que geralmente são usadas para justificar tal fenômeno. A mesma autora faz um questionamento, o qual torna-se o ponto de partida para as discussões acerca dos principais fatores que contribuem para existência do fracasso escolar. “Uma escola para o povo ou contra o povo?” “Altas taxas de repetência e evasão mostram que os que conseguem entrar na escola, nela não conseguem aprender.” A autora aborda também as relações entre escola e linguagem tendo como ponto de partida os problemas da educação das camadas populares no Brasil, enfatizando como o ensino da língua contribui para fortalecer as desigualdades. A escola pública brasileira é insatisfatória e estimula as desigualdades sociais, tendo muitas vezes como aliada a psicologia que por sua vez legitima os possíveis déficits de aprendizagem. Para reforçar a imagem de que é democrática, a escola utiliza discursos para tentar justificar o fracasso escolar, dentre eles a autora coloca:

A ideologia do DOM trás uma primeira explicação, onde consta que todos tenham seu lugar na escola – e a todos terá sido dado o mesmo ponto de partida. Qual será o ponto de chegada (o sucesso ou o fracasso), isso dependerá de cada um. A psicologia legitima os discursos a cerca da existência de desigualdades naturais. A escola não seria responsável pelo fracasso do aluno, a causa estaria na ausência, neste, de condições básicas para a aprendizagem. Tal instituição tem como função, segundo a ideologia do dom, adaptar e ajustar os alunos a sociedade, segundo suas aptidões e características individuais.

Uma segunda explicação seria a Ideologia da deficiência cultural, “Os partidários dessa explicação defendem uma ‘superioridade’ do contexto cultural das classes dominantes, em confronto com a ‘pobreza cultural’ do contexto em que vivem as classes dominadas.” Os alunos apresentam desvantagens, ou “déficits”, resultantes de problemas de “deficiência cultural”, “carência cultural” ou privação cultural. O meio em que vivem seria pobre em estímulos sensoriais, perceptivos e sociais, sem oportunidades de contato com objetos culturais e experiências variadas, pobre em situação e interação e comunicação.

A análise do fracasso escolar dentro dessa explicação seria uma “patologia social”, em que as “doenças” do contexto cultural em que vivem essas camadas devem ser “tratadas” pela escola, cuja função seria “compensar” as deficiências do aluno, resultantes de sua “deficiência”, “carência” ou “privação” cultural. E há ainda uma terceira explicação onde se vê a ideologia das diferenças culturais. Não é adequado qualificar grupos sociais como, “culturalmente deficientes”, ou “privados de cultura” ou “carentes de cultura”, pois há uma diversidade de culturas, mas todas igualmente estruturadas, coerentes, complexas. Qualquer hierarquização de culturas seria cientificamente incorreta. “A escola, como instituição a serviço da sociedade capitalista, assume e valoriza a cultura das classes dominantes; assim o aluno oriundo das classes dominadas encontra padrões culturais que não são os seus, e os mesmo lhe são apresentados como “certos”, enquanto os seus próprios padrões são, ou ignorados como inexistentes ou desprezados como errados.” (SOARES, p.15)

Sob a óptica da Psicopedagogia, SAMPAIO, aborda o fracasso escolar levando em consideração a relação triangular sujeito-família-escola, analisando cada componente dessa relação em suas peculiaridades juntamente com os fatores orgânicos, psicológicos e ambientais que norteiam tal relação. Sampaio não nega a importância e a existência dos fatores orgânicos, no entanto ressalta que devem ser levadas em consideração as responsabilidades interescolares, que são compartilhadas entre o sujeito aprendiz, a família e o meio social em que estão inseridos. A autora faz a diferenciação entre dificuldades de aprendizado e fracasso escolar. Para ela as dificuldades de aprendizagem são “de ordem mais

subjetiva individual, geralmente há algum tipo de deficiência ou necessidade educacional específica, que compromete o desempenho na escola e pode causar o fracasso escolar...” (p.11), já o fracasso escolar é uma “conjunção de fatores que em um determinado momento interagem, mobilizando o desempenho do sujeito e do sistema familiar/escolar/social ao qual está integrado.” (p.11)

No âmbito escolar um mecanismo que impera como sendo “capaz” de medir o conhecimento é a avaliação. Um estudo realizado Esteban (2011) tendo como base dados do INEB(Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais) e SAEB(Sistema de Avaliação da Educação Básica), os quais mostram que os resultados dos exames internacionais e nacionais, bem como dos que se realizam no cotidiano escolar, expõem o fracasso escolar brasileiro.

Tomando como base alguns teóricos que discutem a avaliação, o autor expõe em seu artigo Avaliação e fracasso escolar: questões para debate sobre a democratização da escola, como a “pedagogia do exame” pautada na definição de objetivos, competências e habilidades padronizadas, sustenta a suposta cientificidade do exame, a qual garante a veracidade de seus resultados. Dessa maneira, o resultado escolar dos estudantes é constantemente apresentado como se referido especificamente a um efeito de ações individuais, não sendo analisado como fracasso de um projeto, e isso apresenta-se como uma inversão operada através do exame, onde os problemas metodológicos são transformados em problemas de rendimento e assim o processo nunca fracassa.

Bahia (2009) apresenta resultados de um estudo realizado em uma escola pública da rede estadual de São Paulo, no município de Diadema, durante três anos, onde refletiu acerca do desempenho dos alunos que freqüentaram as classes de aceleração e, posteriormente seguiram estudos nas séries finais do Ensino Fundamental II, também foi observado o preparo dos professores diante das ações implantadas pelo projeto, o qual acabou fracassando, pois ao invés de uma inclusão dos excluídos na escola, foi observada a sua reclusão, por não garantir a melhoria do desempenho dos alunos.

Damiani (2011), mostra em seu artigo os resultados de uma investigação, que identificou os fatores do fracasso escolar dentre todas as crianças nascidas em Pelotas (RS) no ano de 1982. Através de sua pesquisa pôde confirmar dados encontrados em outras pesquisas, indicando a importante influência de fatores como grupo étnico, renda familiar, número de irmãos, escolaridade dos pais, tipo de moradia, entre outros, sobre o desempenho das crianças. Os resultados de sua pesquisa indicaram que as instituições de ensino diferem entre si e apontam para a importância de fatores intra-escolares, em especial o discurso pedagógico das

mesmas, mostrando ser necessária uma reflexão por conta dos professores acerca de suas concepções, práticas, assim como o papel que representa através do discurso pedagógico que predomina em suas escolas.

Meira (2010) levanta questionamentos feitos sobre o fracasso escolar, seus fatores e causas, propondo uma discussão a partir de variáveis que influenciam no processo de aprendizagem, levando em consideração a atuação do psicopedagogo, sendo que o mesmo tanto pode servir para determinar o “culpado” quanto para ampliar o foco, buscando outras variáveis que influenciam o processo de aprendizagem. A autora faz a tentativa de analisar os fatores que contribuem para o surgimento do fracasso escolar de forma a conceituar aquilo que viria ser o seu oposto, ou seja, a aprendizagem, estabelecendo uma diferenciação entre fracasso escolar, dificuldade de aprendizagem e deficiência mental.

“A sociedade civil precisa recuperar nossa educação e subordiná-la aos interesses nacionais. Precisamos criar uma geração de pensadores que se esqueça dos simpósios em Madri e pense no que funcionará para alfabetizar as crianças de Madureira. E precisamos de um projeto de país — criado aqui, tendo em mente nossa cultura, recursos e instituições — que oriente e catalise todo esse esforço. Enquanto esse projeto não chega, nossa escola deve se mobilizar para construir o primeiro passo, comum a qualquer projeto futuro: toda criança plenamente alfabetizada ao fim da 2ª série. Devemos nos ocupar mais dos milhões de anônimos de nossas escolas, que são diariamente massacrados e intelectualmente amputados por um sistema que, sem estardalhaço, lhes suga a possibilidade de uma vida plena e digna.” (revista VEJA, agosto de 2010)

A educação do Brasil já nos deu diversas provas de que necessita de uma reforma, pois uma educação voltada apenas para o mercado de trabalho não colaborará para a construção de um país melhor. Sendo ela, a educação, a principal via para trazer de fato o desenvolvimento ao país, deve-se já considerar a ideia de consolidação de uma reforma estrutural, logística, estratégica, administrativa e financeira, haja vista que estes setores estão intrinsecamente ligados à educação e esta conectada a eles, pois em se tratando de desenvolvimento econômico, o Brasil está em situação similar, ou melhor, com relação a outros países, mas socialmente esta atrás de países como Chile, Argentina, Uruguai, México e Peru, é o que afirma a Organização das Nações Unidas (ONU), esses dados nos mostram como a educação deve ser a principal pauta nas mudanças que podem fazer com o país se desenvolva efetivamente, os programas sociais não conseguiram nada além de manter a frequência, e o número de alunos nas escolas, o que não coloca o Brasil na lista dos países desenvolvidos, haja vista nosso IDH(Índice de Desenvolvimento Humano) ainda é ser consideravelmente inferior, com relação a países menos desenvolvidos que o nosso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, pôde-se perceber que o fracasso escolar é um tema que abrange diversas categorias de estudo, pois o mesmo é discutido e analisado por diversos ângulos, uma vez que esse fenômeno assola principalmente as escolas públicas, as quais são freqüentadas em sua maioria pelas classes menos favorecidas, o que torna perceptível quem é o foco principal do fracasso escolar. A partir da leitura de várias fontes bibliográficas, foi notório um ponto em comum na visão dos autores aqui citados, onde os mesmos explicitam nos resultados de suas pesquisas, que o sistema educacional busca constantemente um culpado a quem possa deferir o motivo da existência do fracasso escolar, apontando quase sempre o aluno, o meio ao qual faz parte, sua situação econômica, a falta de estrutura familiar, dentre outros, esquecendo-se da necessidade de um olhar mais enfático voltado as práticas pedagógicas e a formação docente, haja vista que os profissionais da educação são parte integrante e de fundamental importância na eficácia do processo de ensino-aprendizagem.

Este artigo foi elaborado com o intuito de levantar questões relevantes acerca das possíveis causas do fracasso escolar, promovendo uma discussão teórica pautada nas idéias de pesquisadores que se propõem a analisar tal temática a partir de diferentes olhares, assim como também obter dados para que futuramente seja utilizado como aparato teórico que servirá como base para o desenvolvimento de uma pesquisa fundamentada nos estudos do tipo etnográfico, a fim de estabelecer diretrizes que orientem uma ação crítica, objetivando buscar meios eficazes para o enfrentamento do fracasso escolar. Para SOARES, precisamos de uma escola:

Comprometida com a luta contra as desigualdades, vitalizando e direcionando adequadamente as forças progressistas nela presentes e garantir as classes populares a aquisição dos conhecimentos e habilidades que as instrumentalizem para a participação no processo de transformação social. Uma escola transformadora é, pois uma escola consciente de seu papel político na luta contra as desigualdades sociais e econômicas, e que, por isso, assume a função de proporcionar as camadas populares, através de um ensino eficiente, os instrumentos que lhes permitam conquistar mais amplas condições de participação cultural e política e de reivindicação social. (SOARES, 1992, p.13)

A escola deve assumir seu verdadeiro papel, deixando de atuar como uma reprodutora do que já existe, evidenciando as injustiças sociais, contribuindo para que aqueles que compõem a camada dos menos favorecidos continuem sem alternativas a não ser a de

atuar na sociedade como força motor para garantir que a sociedade continue exatamente como está. A escola paradoxalmente nega àqueles que têm nela a única maneira de transformar sua realidade, haja vista que aos alunos não é dada a condição para desenvolverem um conhecimento sólido, que os permita ter sua própria visão sobre as coisas, associar as informações e conhecimento obtido na escola com seu dia-dia. Não saem das escolas públicas, alunos letrados e sim analfabetos funcionais, incapacitados de promover mudanças, cegos diante das injustiças, de mãos atadas frente as lutas por seus direitos de cidadão, pois nem sabem quais são tais direitos, e a escola é o órgão que deveria juntamente com a sociedade construir uma geração de pensadores críticos munidos de subsídios que garantiria que nesta haveria um lugar ao sol para todos.

Queremos com esse trabalho promover diversas discussões, que nos leve a pensar novas formas de combater o fracasso escolar, bem como buscar maneiras de superar os problemas que contribuem para o insucesso da educação brasileira, e para que isso aconteça é necessário um esforço conjunto com todos os âmbitos da sociedade, principalmente da sociedade com as redes de ensino, para que assim a escola exerça sua função de transmitir conhecimento e formar cidadãos coerentes que atuarão criticamente na sociedade, contribuindo para que esta se torne justa e democrática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORTELLA, Mario Sergio. **A escola e o conhecimento**: fundamentos epistemológicos e políticos. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

DAMIANI, Magda Floriana. **Discurso pedagógico e fracasso escolar**. Disponível em: <http://>. Acesso em: 15 março 2011.

ESTEBAN, Maria Tereza. **Avaliação e fracasso escolar**: questões para debate sobre a democratização da escola. Disponível em: <http://www.scielo.com.br>. Acesso em: 15 março 2011.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: ARTMED, 1999.

GOULART, Nathalia. **Por que os alunos aprendem tão pouco?** Disponível em: <http://www.veja.abril.com.br/educação>. acesso em 08 maio 2011.

GURGEL, Thais. Formação inicial: a origem do sucesso (e do fracasso) escolar. Disponível em: <http://www.revistaescola.abril.com.br>. Acesso em: 08 maio 2011.

MADEIRA, Michelle de Castro. **Fracasso escolar: de quem é a culpa?** Disponível em: <http://www.schole@funedi.edu.br>. Acesso: 17 abril 2010.

NORINÊS, Panicacci Bahia. **Formação de professores em serviço: fragilidades e descompassos no enfrentamento do fracasso escolar.** Disponível em: <http://www.scielo.com.br>. Acesso: 15 março 2011.

SAMPAIO, Simaia. **Dificuldades de aprendizagem:**a psicopedagogia na relação sujeito, família e escola. 2 ed. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2010.

SAVIANE, Demerval. **Pedagogia histórico crítica:** primeiras aproximações. 9 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1997.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola:** uma perspectiva social. 9 ed. São Paulo: Ática, 1992.